

DESVELANDO A VIDA COTIDIANA DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS
QUE CONCILIAM ESTUDO E TRABALHO

***Desvelando la vida cotidiana de jóvenes universitarios
que concilian estudio y trabajo***

***Unveiling the quotidian life of young university students
who conciliate study and work***

**Regina Célia Borges¹
Maria Chalfin Coutinho²**

Recibido: 19 de agosto de 2017.

Corregido: 12 de marzo de 2018.

Aprobado: 25 de marzo de 2018.

Resumo

Este estudo evidenciou como jovens estudantes de uma universidade pública brasileira, estudantes-trabalhadores ou trabalhadores-estudantes conciliam estudo e trabalho, em suas vidas cotidianas. No Brasil essa é uma combinação habitual. A pesquisa foi realizada a partir de olhares interdisciplinares, da psicologia sócio-histórica e da perspectiva *helleriana* sobre a vida cotidiana. No cenário contemporâneo do trabalho notam-se mutações que afetam todos os trabalhadores, com destaque para os jovens. No cenário educacional, as universidades também vivem transformações em um contexto global. Seguindo uma metodologia qualitativa, dez jovens universitários, foram entrevistados em três encontros. As entrevistas analisadas

¹ Doctora en Psicología por la Universidad Federal de Santa Catarina. Docente de la asignatura de Formación en Orientación Profesional en el Instituto de Ser-Orientación Profesional y de la Carrera: Atención al Cliente. Líneas de investigación: Juventudes, trabajo y cotidiano. Correo electrónico: reginacl@uol.com.br

² Doctora en Ciencias Sociais por la Universidad Estadual de Campinas. Professora Permanente do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Líneas de investigación: Psicología Social do Trabalho, cotidiano e trabalho, sentidos do trabalho, histórias de vida no trabalho. Correo electrónico: maria.chalfin@ufsc.br

resultaram em dois Núcleos de Significação. O primeiro é sobre trajetórias profissionais e educacionais: entre incertezas e expectativas da vida dupla. Anseiam um diploma para futuras ascensões profissionais, bem como vêem na conciliação estudo-trabalho, chances para elevar a empregabilidade. No segundo núcleo, sobre a vida cotidiana e as histórias estudantis, os achados denotaram que em suas vidas cotidianas os jovens se expressam com comportamentos %aristalizados+e %dominados+pele tempo ou pelo discurso da sua falta, sendo este um do novo %astrumento+do capital para a captura dos sujeitos no século XXI. Consideramos que a condução da vida, principalmente, não é eliminar rotinas, mas ter consciência delas e construir um %mundo+individual consciente diante das tarefas heterogêneas diárias.

Palavras-chave: juventudes, vida cotidiana, estudo, trabalho, tempo.

Resumen

Este estudio evidencio cómo jóvenes estudiantes de una universidad pública brasileña, estudiantes-trabajadores o trabajadores-estudiantes, concilian estudio y trabajo en sus vidas cotidianas. En Brasil, ésta es una combinación regular de actividades. La investigación fue realizada a partir de miradas interdisciplinarias; desde la psicología socio-histórica y desde la perspectiva *helleriana* acerca de la vida cotidiana. En el escenario contemporáneo del trabajo hay cambios que afectan a todos los trabajadores, especialmente a los jóvenes. En el escenario educacional, las universidades también viven transformaciones en un contexto global. Siguiendo una metodología cualitativa se entrevistó, en tres encuentros, a diez jóvenes universitarios. El análisis de las entrevistas dio lugar a dos núcleos de significancia. El primero es sobre las trayectorias profesionales y educacionales: entre incertidumbres y expectativas de doble vida. Aspiran a la obtención de un diploma, así como ven en la conciliación estudio-trabajo oportunidades para ampliar la inserción profesional y futuros ascensos. En el segundo núcleo, sobre la vida cotidiana e historias estudiantiles, los hallazgos han denotado que en sus vidas diarias los jóvenes se expresan con comportamientos %aristalizados+y %dominados+por el tiempo o por el discurso de su falta, siendo éste uno de los nuevos %astrumentos+del capital para la captura de personas en el siglo XXI. Se considera que el manejo en la forma de vivir, principalmente, no es eliminar las rutinas, sino ser conscientes de ellas, y construir un %mundo+individual consciente frente a las tareas heterogéneas diarias.

Palabras clave: Juventudes, vida cotidiana, estudio, trabajo, tiempo.

Abstract

This study has shown how young students of a Brazilian public university, student workers or worker students, conciliate study and work in their quotidian lives. In Brazil, that is a usual combination of activities. The research was held from interdisciplinary views, from Socio-historical Psychology and from *Hellerian* perspective about quotidian life. In the contemporary work scenario, it is possible to notice mutations

that affect all workers, especially young ones. In the educational scenario, universities also go through transformation in a global context. Following qualitative methodology, ten young college students were interviewed, in three appointments. The analysis of the interviews resulted in two Nuclei of Meanings. The first one is about professional and educational trajectories: among uncertainties and expectations of a double life. They long for a degree, as well as they see in the conciliation *study-work* chances to broaden professional insertion and future ascension. The second one is about quotidian and student histories, findings denote that in their daily lives, youngsters express with behaviors that are %crystalized+ and %dominated+ by time or by the speech of its lack, which would be a new %instrument+ of capitalism to capture persons in 21st century. It is considered that the management of life, mainly, is not eliminating routine, but rather being conscious about it and building a conscious individual %world+ in the face of daily heterogenic chores.

Keywords: Youth, quotidian life, study, work, time.

Introdução

O atual contexto histórico-social, cultural e econômico, fundamentado pelo sistema capitalista, vem promovendo mudanças em diversos campos, com destaque para os âmbitos laboral e educacional. Além deste panorama, estamos vivenciando tempos sociais descritos numa sociedade que tem se organizado em objetivos de curto prazo, impedindo o equilíbrio em hábitos e rotinas. Com estas observações surgiram as inquietações para o desenvolvimento desta investigação.³ Assim sendo, a pesquisa buscou conhecer a vida cotidiana de estudantes universitários já inseridos no mercado de trabalho, ou seja, jovens que conciliam estudo e trabalho durante o período de graduação. Essa combinação marca os segmentos juvenis no Brasil, sendo que essa fusão se faz presente na vida de sete em cada dez jovens.⁴

O trabalho foi concebido como um processo relacional entre homem, em seu sentido genérico, e natureza, em que ambos se transformam nessa ação humana e idealizada.⁵ Já as juventudes foram conceituadas enten-

³ Tese defendida pela primeira autora, com orientação da segunda, em um programa de pós-graduação em Psicologia de uma universidade pública brasileira.

⁴ Pochmann, Marcio (2007), *A batalha pelo primeiro emprego: a situação e as perspectivas do jovem no mercado de trabalho brasileiro*, 2ª ed., Publisher, São Paulo.

⁵ Marx, Karl (1988), %Processo de trabalho e processo de produzir valores de uso+ em Marx, Karl, *Capital*, cap. 1, vol. 5, 2ª ed., Nova Cultural, São Paulo, pp. 125-145.

dendo a necessidade de pluralizar essa categoria na perspectiva da psicologia sócio-histórica. Assim, o jovem é um sujeito sócio-histórico que se produz e é produzido na tessitura dos mundos sociais e culturais nas quais se encontra inserido, abrindo espaços para olhar o ser humano de modo crítico e evitando naturalizações.

Na pesquisa aqui apresentada buscamos, por meio da interdisciplinaridade, uma articulação das leituras da psicologia sócio-histórica e da teoria helleriana para compreender a vida cotidiana de jovens universitários que conciliam estudo e trabalho. Assim, a seguir será explanada a conceituação sobre o cotidiano a partir das lentes teóricas de Ágnes Heller. Seguindo com o caminho metodológico, os achados e as conclusões da investigação.

1. O cotidiano por Ágnes Heller

Heller⁶ enuncia que todos os homens/indivíduos⁷ já nascem inseridos na cotidianidade. Assim, define a vida cotidiana como um conjunto de atividades que possibilitam a reprodução humana na sua individualidade e, também na sua reprodução social. Desse modo, célebres expressões desta autora dizem: *“a vida cotidiana é a vida de todo homem (...) -a vida do homem inteiro+”*⁸ Desde o nascimento todos os seres humanos já são *“inseridos+”* na vida cotidiana e encontram um mundo cuja existência independe dessa inserção. Num universo cultural humano, estendido durante toda a sua vida, o indivíduo, por meio de mediações com outros homens, em distintos grupos tais como a família, a escola, e o trabalho e outras comunidades, vai obtendo as habilidades necessárias para viver em seu contexto social.

Será na vida cotidiana que os homens irão colocar *“em funcionamento”* todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas

⁶ Heller, Ágnes (1994), *Sociología de la vida cotidiana* (J. F. Yvars, Trad.), 4ª ed., Ediciones Península, Barcelona, pp.418; Heller, Ágnes (2008), *O Cotidiano e a história*, 8ª ed., Paz e Terra, São Paulo, pp.158.

⁷ As expressões *“homem+”* e *“indivíduo+”* são nomenclaturas utilizadas por Heller e deste modo optamos pela sua utilização, contudo, esclarecemos que sempre que as utilizarmos, estaremos considerando as respectivas, flexões de gênero.

⁸ Heller, Ágnes (1994), *Sociología de la vida cotidiana*, *op. cit.*, p. 31.

habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideologias.⁹ A estrutura da vida cotidiana apreendida nas mediações grupais é indispensável para seu viver diário e também para reprodução social, de modo particular e genérico. Em suas palavras, Heller declara que, *todo homem é ao mesmo tempo, ente particular-individual e ente humano-genérico, ou seja, uma singularidade que, simultaneamente, uma parte orgânica da humanidade, da história humana.*¹⁰

Para a autora, a característica dominante da vida cotidiana é a *espontaneidade*, ou seja, o pensar é o agir sem reflexão consciente, automático. Sem a espontaneidade, nossa vida se tornaria inviável para a produção e reprodução social. Se fôssemos refletir sobre todas as nossas ações diárias, sob suas condições físicas e/ou matemáticas, por exemplo, não conseguiríamos desenvolver nossos costumes consuetudinários, como levantar da cama, tomar banho, vestir-se etc., inviabilizando a produção e reprodução da vida. Contudo, essas reincidências espontâneas nem sempre são idênticas. *O ritmo fixo, a repetição, a rigorosa regularidade da vida cotidiana (que se rompe quando se produz a elevação acima da cotidianidade) não estão absolutamente em contradição com essa espontaneidade; ao contrário, implicam-se mutuamente.*¹¹

Continuando, Heller¹² indica que a vida cotidiana tem também como característica a *heterogeneidade* e a *hierarquia*. É heterogênea no que tange a seu conteúdo, pois atuamos de modo singular mediante nossas significações, ações e pensamentos para a organização do trabalho, da vida privada, do lazer e do descanso. E hierárquica, pois as atribuições das atividades seguem uma escala de valores pessoais. As escolhas são necessárias e influenciadas de acordo com a estruturação socioeconômica vigente, a exemplo da categoria trabalho e seus divergentes significados históricos.

Outra forma que baliza a vida cotidiana é a *probabilidade*. Em nosso cotidiano estabelecemos uma relação objetiva de probabilidade, não sendo viável dentre as atividades cotidianas executadas que fossem requeridas

⁹ *Idem.*

¹⁰ *Ibid.*, p. 68.

¹¹ *Ibid.*, p. 47.

¹² Heller, Ágnes (2008), *O Cotidiano e a história*, op. cit.

certezas científicas para sua ação. A autora traz como exemplo o ato de atravessar uma rua, momento em que visualizamos a distância a que estão os carros e, diante de uma avaliação probabilística, executamos a travessia sem realizar cálculos numéricos. Ressalta que tal probabilidade pode falhar e o indivíduo ser atropelado, circunstância essa que gera as chamadas %catástrofes da vida cotidiana+.

A autora segue afirmando que, a vida cotidiana aponta para o %economicismo+. Nesta ação e/ou pensamento o indivíduo guia-se pela %lei do menor esforço+, ou seja, busca formas rápidas, de menor tempo e esforço físico e intelectual, visando %lar conta+ do seu conjunto heterogêneo de atividades com base em suas probabilidades. De acordo com Heller,¹³ o %pragmatismo+ também é um elemento da vida cotidiana. Assim, o cotidiano toma o valor prático de verdade, sem ater-se à teorias. Por exemplo, pode-se pensar que, após termos aprendido a dirigir um carro, não mais pensamos em cada uma das etapas desse ato, somente ligamos o carro e saímos em direção ao caminho desejado.

A %ultrageneralização+ é outra forma característica do pensamento cotidiano e se assentam em %hábitos ou regras provisórias+. Nesta, os indivíduos agirão a partir de generalizações da sua própria e prévia experiência anterior ou daquelas disseminadas socialmente, por meio de uma avaliação probabilística.

Quando esses %hábitos provisórios+ se tornam rígidos e enraizados na particularidade do indivíduo, tornam-se %preconceitos+. Nas palavras de Heller, %crer em preconceitos é cômodo porque nos protege de conflitos, porque confirma nossas ações anteriores+.¹⁴ Os preconceitos impedem que se possa alcançar a humana genericidade, limitando a vida cotidiana, como também a tornando alienada.

Heller¹⁵ ainda afirma que, não há vida cotidiana sem %imitação+, seja para os hábitos, utensílios e usos de uma sociedade, ou na imitação de outras pessoas, formando assim um processo de aprendizagem. Ainda temos nessa composição a %intonação+, entendida como uma %ultra generalização emocional+, ou seja, uma forma de %tom+ afetivo característico em cada pessoa.

¹³ *Idem.*

¹⁴ *Ibid.*, p. 69.

¹⁵ *Idem.*

Todas essas estruturas são indispensáveis para a vida cotidiana. Todavia, o importante é que exista uma margem de movimento, pois quando essas formas se tornam rígidas, cristalizadas, o indivíduo encontra-se diante da alienação da vida cotidiana, lembrando que esta ocorre em relação a alguma coisa, %am face das possibilidades concretas de desenvolvimento genérico da humanidade+.¹⁶

Dessa forma, diante de uma alienação da vida cotidiana, o ser humano fica impedido, cerceado social e psicologicamente, de %expandir-se+para as esferas da não cotidianidade, ficando restrito em sua vida cotidiana particular. Heller¹⁷ ressalta que essa alienação resultante ocorre em vários e diferentes graus, sendo %influenciada+ diretamente pelas estruturas econômicas sociais, tendo sido acentuada diante do capitalismo.

Entretanto, mesmo diante desse cenário, que parece ser fadado a que nossas vidas sejam/estejam alienadas, Heller¹⁸ enfatiza que, a vida cotidiana não é sempre e necessariamente alienada. Todavia, margens sempre existiram e existem para que o homem possa pensar e agir conscientemente, pois na vida cotidiana sempre há uma possibilidade de hierarquia espontânea, permitindo assim acesso à individualidade.

Conforme já comentando, a vida cotidiana é os lócus de reprodução dos homens particulares e, por conseguinte, de reprodução social. Em toda sociedade existe uma vida cotidiana, de ambiente imediato, e em toda vida cotidiana existe uma história. E em sua existência, para Heller¹⁹ cada indivíduo é concomitantemente um %ser particular e ser genérico+.

Assim sendo, todo homem singular é um ser particular e tem suas características próprias, qualidades, atitudes, dificuldades, motivações e afetos. Cada indivíduo particular tem suas próprias motivações, hierarquia de valores e de seus sentimentos.²⁰ Desta maneira, em cada indivíduo particular sempre há um processo histórico, um devir, pois nunca somos/estamos %acabados+, e é justamente aí que ser humano e sociedade, dialeticamente, se reproduzem.

¹⁶ *Ibid.*, p. 56.

¹⁷ *Idem.*

¹⁸ *Idem.*

¹⁹ Heller, Ágnes (1994), *Sociología de la vida cotidiana*, *op. cit.*; Heller, Ágnes (2008), *O Cotidiano e a história*, *op. cit.*

²⁰ Heller, Ágnes (1994), *Sociología de la vida cotidiana*, *op. cit.*

É nesse processo de elevação acima da particularidade que o homem poderá desenvolver sua genericidade. O indivíduo (a individualidade) contém tanto a particularidade quanto o humano-genérico que funciona consciente e inconscientemente no homem.²¹ A genericidade efetiva-se por meio da homogeneização, ou seja, a efetiva concentração em uma tarefa, na qual o indivíduo retorna à vida cotidiana modificado/apropriado de maior consciência para sua práxis social. Assim sendo, a homogeneização é a via de acesso para sair da cotidianidade e seguir ao humano-genérico.²²

No dia a dia cotidiano, os embates entre particularidade e genericidade não acabam sendo conscientes e, para a grande maioria dos homens, as alternâncias são ocorrências mudas, não havendo divisões inflexíveis entre os comportamentos cotidianos e não cotidiano, sendo habitual que, por meio da arte, da ciência, da política e do trabalho, não estranhado possamos nos elevar acima da cotidianidade. Assinala Heller que não: há a muralha chinesa entre as esferas da cotidianidade e da moral.²³

De acordo com Heller,²⁴ na condução da vida não estaremos suprimindo as espontaneidades da vida cotidiana, mas mantendo-as, também, com possibilidades de ultrapassar o que é particular para um caminho mais genérico. Nas palavras de Heller, é: apropriar-se a seu modo da realidade e impor a ela a marca da sua personalidade.²⁵

Entretanto, o homem, nas condições de manipulação e alienação, acaba por se dividir em muitos papéis, deixando de atingir sua individualidade, conduzindo seu cotidiano estereotipado em clichês.²⁶ Dado que a alienação humana está vinculada aos períodos históricos, o cotidiano e a história são instâncias entranhadas.²⁷ Guarinello diz que é necessário superar a dicotomia entre o cotidiano e a história, ou seja, a tradicional distinção entre acontecimento histórico, prenhe de significado, e vida comum, repetitiva e estéril.²⁸

²¹ Heller, Ágnes (2008), *O Cotidiano e a história*, op. cit., p. 37.

²² *Idem*.

²³ *Ibid.*, p. 40.

²⁴ *Idem*.

²⁵ *Ibid.*, p. 61.

²⁶ Heller, Ágnes (2008), *O Cotidiano e a história*, op. cit.

²⁷ *Idem*.

²⁸ Guarinello, Norberto L. (2004), História científica, história contemporânea, história cotidiana, *Revista Brasileira de História*, vol. 24, São Paulo, pp. 13-38.

Desta maneira, o cotidiano seria o tempo presente, mas, dialeticamente formando uma tríade temporal, entre passado, presente e futuro, sendo este último um rol de probabilidades em aberto. De tal modo, a vida cotidiana, conjunto de reproduções, de automatismos e mudanças, seria composta por ciclos, sendo o menor deles um dia, destacando a estruturação da vida cotidiana e as objetivações dela decorrentes.

De acordo com Heller²⁹ uma objetivação é uma atividade que se transforma em ato, que pode ser nomeada, distintamente dos impulsos ou motivações, da fala interior. Guimarães, ancorada em Heller, explica que a objetivação implica uma ação do homem sob o objeto, transformando-o para seu uso e benefício e assim exemplifica que o leite pode transformar-se em manteiga, bolo etc.³⁰

Heller³¹ ressalta que, as objetivações são sempre genéricas e podem ser genéricas *em-si* e *para-si*. As objetivações genéricas *em-si* são unitárias a cada indivíduo, produzindo seu próprio mundo, como um fundamento necessário ao seu crescimento, contudo, são dialeticamente articuladas ao mesmo tempo com a sociedade. Já as objetivações *para-si* refletem e expressam a liberdade humana, sendo objetivações que justapõem sobre a natureza e a cada indivíduo particular, por meio da moral, das ideologias, da ciência, quando o ser humano supera sua particularidade a caminho do humano-genérico.

Com o surgimento das sociedades de classes, da divisão social do trabalho e da propriedade privada, a vida cotidiana que se faz no acontecer histórico, encontra nestas circunstâncias um ambiente mais fechado e, conseqüentemente, alienado.

Sobre o termo *trabalho*, Heller³² o divide em duas estâncias: uma como execução do trabalho e outra como atividade de trabalho e, seguindo a definição marxiana, denomina-os, respectivamente, de *work* e *labour*. O trabalho como *work* refere-se à atividade humana que produz valores de

²⁹ Heller, Ágnes (2008), *O Cotidiano e a história*, op. cit.

³⁰ Gleny T., Guimarães (2002), *Aspectos da teoria do cotidiano: Ágnes Heller em perspectiva*, EDIPUCRS, Porto Alegre, pp. 147.

³¹ Heller, Ágnes (1994), *Sociologia de la vida cotidiana*, op. cit.; Heller, Ágnes (2008), *O Cotidiano e a história*, op. cit.

³² Heller, A. (1994), *Sociología de la vida cotidiana*, op. cit.

uso, na visão helleriana produtor de atividades genéricas. Enquanto ocupação cotidiana e ação genérica, neste tipo de atuação o trabalhador fica mais distante dos processos de alienação. No caso do trabalho como *labour*, há uma relação com a produção dos valores de troca e, conseqüentemente, com a atuação profissional na qual, ele não se autorrealiza e as ações não transcendem o cotidiano. Todavia, adverte Heller,³³ no conjunto social, toda ação dos trabalhadores é simultaneamente uma somatória entre *work* e *labour*.

Gostaríamos de esclarecer que diante de sua extensão e complexidade da obra de Ágnes Heller, na pesquisa utilizamos em seus aspectos mais gerais, a estruturação da vida cotidiana, o cotidiano alienado e as possibilidades de rupturas possíveis para não viver somente a reprodução do dia a dia rotineiro. Expostas as considerações e conceitos sobre o cotidiano, seguimos por apresentar o caminho metodológico realizado.

2. O desenho da pesquisa

Consideramos que traçar a configuração de um caminho metodológico é um momento ímpar. Os caminhos traçados pelo pesquisador não são lineares, pois pesquisar é uma ação irregular e contínua, portanto, longe de seguir um fio rígido.

Assim, ao concebermos cada sujeito como único, singular e, ao mesmo tempo, histórico, constituído em uma relação histórico-dialética, a apreensão dessas diversidades e complexidades humanas foi realizada por meio de uma abordagem qualitativa. Ou seja, um caminho conexo com a leitura dialética, o qual estabelece necessária coerência entre método e seus procedimentos.³⁴ Sendo assim, ¿como estudar esse objeto-tão dinâmico? ¿Como apreender as articulações da vida cotidiana dos jovens universitários já inseridos no mercado de trabalho?

³³ *Idem*.

³⁴ Aguiar, Wanda M., Sergio Ozella (2013), *Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação*, *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, vol. 94, pp. 299-322; González, Fernando L. (2005), *Pesquisa qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios* (M. Silva, Trad.), Cengage Learning, São Paulo, p. 188.

2.1 Lócus da Pesquisa e Entrada no Campo

Os participantes, jovens universitários e trabalhadores, foram contatados em uma universidade pública e gratuita, estruturada em onze centros de ensino. Nesse universo físico, foram participantes dez jovens que conciliavam estudo e trabalho, sendo três homens e sete mulheres, de diferentes graduações e horários de estudo.

Sobre a categoria *trabalho*, foram considerados trabalhadores jovens que atuam em empregos formais, em atividades da chamada *informalidade*, estagiários e bolsistas, ou seja, que exerciam atividade laboral remunerada, ou não, porém constituintes da conciliação estudo-trabalho com até vinte e nove anos de idade.

Destarte, antes do início da entrevista no primeiro encontro, os participantes receberam e foram instruídos sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecidos (TCLE). A assinatura do TCLE³⁵ é um procedimento formal, instituído pelas normatizações relativas à pesquisa com seres humanos, no sentido de assegurar direitos e autonomias aos participantes. Contudo, para além das obrigações legais, acreditamos que o vínculo ético é estabelecido na relação entre pesquisador e pesquisado, zelando para que esse(s) momento(s) fossem um *boa encontro* para ambos, nos quais se efetivam as legítimas condições éticas baseadas no respeito e na dignidade. A seguir apresentamos as *ferramentas* metodológicas.

2.2 As *ferramentas*: descrição e utilização na busca de informações

As *ferramentas* de pesquisa são como mediadores/vias de acesso que o investigador dispõe para sua construção de informações. Não há regras ou receitas para sua definição. São escolhas constitutivas aos objetivos da investigação e devem ser *desenhadas* num desafio de criatividade do pesquisador.³⁶ Comentamos acerca de cada uma e forma de utilização.

³⁵ O TCLE compõe os documentos do protocolo, que no caso dessa pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética na Pesquisa da universidade em questão, sob o registro CAAE:20588013.4.0000.0121. Disponível em: <http://plataformabrasil.saude.gov.br/visao/pesquisador/gerirPesquisa/gerirPesquisaAgrupador.jsf>

³⁶ González, Fernando L. (1998), *Lo cualitativo y lo cuantitativo en la investigación de la psicología social*, *Psicología & Sociedad, Minas Gerais*, vol. 45, pp. 32-52.

2.2.1 Encontro - Entrevistas Recorrentes

A entrevista é um instrumento de busca de informações bastante flexível, utilizado em distintas perspectivas teóricas. Além de recorrentes as entrevistas seguiram uma concepção compreensiva.³⁷ Ao utilizar a entrevista compreensiva no campo de pesquisa, o pesquisador não intenciona uma verificação da problemática preestabelecida, mas atua com margens de possibilidades.

Wanda Aguiar e Sergio Ozella³⁸ também consideram a entrevista como via de acesso aos processos psíquicos. Consideramos que a recorrência das entrevistas foi o diferencial desse método, empregada com o objetivo de apreender de forma mais ampla os sentidos, as emoções e a vida cotidiana dos participantes. O campo é um momento de inventividade do pesquisador, portanto, os instrumentos foram (re)criados para essa oportunidade, interligando a Agenda Colorida, a fotografia das cenas cotidianas, a adaptação da Técnica do Sósia.

De tal modo, o campo foi composto em três encontros. No primeiro utilizamos um roteiro com campos temáticos: vida pessoal/familiar, vida educacional e profissional. No segundo, a Agenda Colorida e a fotografia. O terceiro e último consistiu em uma adaptação da Técnica do Sósia. A seguir, passamos à descrição dos instrumentos, bem como sua forma de utilização.

2.2.2 Encontro - Agenda Colorida

A Agenda Colorida é uma técnica adaptada por Benjamin Soares³⁹ e utilizada por Soares e Costa⁴⁰ nos programas de orientação para

³⁷ Zago, Nadir (2003), A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa, em Zago, Nadir, Marília Pinto De Carvalho, Rita A. Vilela (Orgs.), *Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação*, DP&A, Rio de Janeiro, pp. 287-309.

³⁸ Aguiar, Wanda M., Sergio Ozella (2013), A apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação, *op. cit.*

³⁹ A adaptação da Agenda Colorida foi realizada por Soares a partir do instrumento de pesquisa utilizado por Sarriera, Tatim, Coelho e Busker (2007) na investigação do uso do tempo livre por adolescentes de classe popular, em que os pesquisadores, munidos de uma tabela que espelhava uma semana completa, solicitavam o preenchimento das atividades dos sujeitos quanto ao foco pesquisado.

⁴⁰ Soares, Dulce, Aline Costa (2011), *Aposentação: aposentadoria para ação*, São Paulo, Vetor, pp. 264.

aposentadoria, sendo criada a partir do preenchimento das atividades e dos horários que cada pessoa desenvolve normalmente no seu dia a dia, das mais rotineiras até as mais esporádicas e/ou diversificadas, discriminadas por meio de várias cores, perfazendo o tempo de uma semana. Esta agenda contém os dias de uma semana, divididos em períodos de cada hora, das seis da manhã às vinte e quatro horas. Desse modo, ao final do primeiro encontro, supradescrito, foi entregue o formulário da Agenda Colorida. Dando sequência aos encontros recorrentes, a agenda foi utilizada no segundo momento.

A partir da Agenda Colorida, cada sujeito pode tecer seus comentários sobre as atividades cotidianas da última semana ali registradas e diferenciadas em diversas cores, trazendo a distinção cotidiana de cada sujeito. Ao término das narrativas sobre a Agenda Colorida, ainda houve a conversação sobre as fotografias das cenas cotidianas. Destarte, seguimos com a apresentação de algumas considerações sobre a fotografia e seu uso nesta pesquisa como outro instrumento de busca.

2.2.3 Encontro - Fotografia

A produção fotográfica de cada participante teve uma abordagem auto-fotográfica, isto é, as imagens foram produzidas pelos próprios sujeitos participantes, por meio da seguinte consigna: fotografarem sua vida cotidiana. Solicitamos no mínimo sete e no máximo dez fotografias. Nesse modelo de utilização imagética, além da produção, os jovens também significam suas próprias fotografias, ou seja, cada imagem ilustra o olhar do seu produtor.⁴¹

Segundo Walter Benjamin,⁴² a fotografia pode manifestar atitudes imperceptíveis, que se tornaram rotineiras e pouco valorizadas. Além disso, a fotografia na sociedade contemporânea, demasiadamente visual, torna-

⁴¹ Neiva-Silva, L., Koller, S. H. (2002), *O uso da fotografia na pesquisa em Psicologia*, *Estudos de Psicologia*, vol. 7, Natal, pp. 237-250; Borges, Regina Celia (2010), *Jovem-aprendiz: os sentidos do trabalho expressos na primeira experiência profissional* (Dissertação de Mestrado em Psicologia), Universidade Federal de Santa Catarina, SC, Florianópolis.

⁴² Benjamin, Walter (1994), *Pequena história da fotografia* + *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*, 7ª ed., Brasiliense, São Paulo.

se um elemento cada dia mais acessível e popular e, corroborando com as palavras de José de Souza Martins, a fotografia se tornou uma necessidade social,⁴³ principalmente entre as juventudes. Segue-se com a explanação do terceiro encontro.

2.2.4 Encontro - Adaptando a Técnica do Sósia

O terceiro e último encontro foi realizado, procurando sempre manter o intervalo de trinta dias do anterior, no qual utilizamos uma adaptação da Técnica do Sósia. A instrução foi primeiramente empregada por Ivar Oddone, em 1970, com trabalhadores de uma empresa automobilística italiana. O autor tinha como proposta conhecer de modo detalhado e significativo como eles realizam suas tarefas. Assim, a técnica consistia em convidar os trabalhadores a dialogarem sobre seu trabalho, de forma minuciosa, como se estivessem instruindo um substituto, um sósia, alguém que pudesse desempenhar da mesma maneira as tarefas.⁴⁴

Deste modo, fizemos uma adequação, buscando compreender todas as atividades que os entrevistados realizavam em um dia inteiro. Podemos dizer que usamos uma versão mais suave da técnica, pois solicitamos somente uma descrição, sem reflexões, contudo, acrescentamos além da descrição objetiva das tarefas, também os sentimentos vivenciados.

Assim, retomando a Agenda Colorida e pedimos que os sujeitos da pesquisa escolhessem um dia da agenda para que pudessem assim detalhá-lo, a partir da seguinte consigna: amanhã eu irei te substituir e preciso saber em detalhes o que acontece no seu dia típico.

3. Análise de informações

A escolha desse caminho foi previamente pensada durante o trajeto da investigação. A compreensão das informações coletadas foi inspirada na proposta dos Núcleos de Significação. Este procedimento foi idealizado

⁴³ Martins, José de Souza (2011), *Sociologia da fotografia e da imagem*, 2ª ed., Editora Contexto, São Paulo, 208 pp.

⁴⁴ Batista, M., Rabelo, L. (2013), *Imagine que eu sou seu sósia... Aspectos técnicos de um método em clínica da atividade*, *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, São Paulo, vol. 6, pp. 1-8.

por Aguiar e Ozella,⁴⁵ seguindo uma abordagem da psicologia sócio-histórica para pesquisas qualitativas, uma dimensão histórico-dialética na construção do conhecimento científico.⁴⁶

Desta maneira, a partir de várias leituras flutuantes, de todo material coletado, gravado e transcrito, a análise tem seu início com a organização dos chamados pré-indicadores. São eleitos como pré-indicadores os temas que sejam mais recorrentes, os narrados com ênfases, carga emocional, além de ambivalências e contradições que tenham importância dentro dos objetivos da investigação. Concluída a fase dos pré-indicadores, em novas leituras consecutivas, segue-se para a formação dos indicadores.

Os indicadores constituem conjuntos temáticos, fazendo a união das palavras pré-significadas. Os indicadores trazem relações entre seus contextos. E na continuidade das leituras e do processo analítico, sempre retomando as leituras flutuantes, voltando às entrevistas, em nova reunião/revisão dos indicadores, foram produzidos os núcleos de significação.

A nomenclatura de cada núcleo deve revelar a expressão da articulação entre o próprio indicador e seus conteúdos, podendo ainda conter falas expressivas dos próprios sujeitos. E com tais características foram concebidos os dois núcleos de significação: *Trajetórias profissionais e educacionais*: entre incertezas e expectativas na vida dupla; e *O cotidiano e as histórias estudantis e laborais*: quando a gente se dá conta e para pra pensar assim: o que eu faço no meu dia-a-dia? Quando são analisados, os núcleos devem articular os processos intra e inter núcleo das falas do sujeito com seu contexto social, político, econômico e cultural, objetivando compreensões em totalidade.

3.1 Discussões dos núcleos de significações

O primeiro núcleo de significação trouxe as trajetórias profissionais e educacionais, denotando nessa diáde incertezas e expectativas diante dessa vida dupla Revelando temáticas relativas às prioridades da vida cotidiana

⁴⁵ Aguiar, Wanda M., Sergio Ozella (2013), *Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação*, *op. cit.*

⁴⁶ Aguiar, Wanda M., Júlio Soares Ribeiro, Virgínia Machado (2015), *Núcleos de significação: uma proposta histórico-dialética na apreensão das significações*, *Cadernos de Pesquisa*, vol.45, São Paulo pp. 56-75.

dos jovens, escolhas e inserção profissional, sentidos e condições do trabalho e projetos. Dez jovens foram participantes deste estudo e, quer fossem estudantes-trabalhadores ou trabalhadores-estudantes,⁴⁷ tipologias utilizadas, que foram autodefinida pelos participantes, mediante questão lançada pelos pesquisadores: cursar uma graduação era um requisito significativo a todos.

Os estudantes-trabalhadores, em sua maioria, conciliam a vida acadêmica, realizando estágios, preparando-se e objetivando uma futura inserção profissional na área de graduação. Já os trabalhadores-estudantes, que atuavam em áreas diversas àquelas de suas formações, manifestaram dúvidas quanto às possibilidades de virem a construir uma trajetória profissional futura na formação que estavam realizando, principalmente pelas questões salariais já conquistadas até aquele momento.

Conhecer a hierarquização também foi uma finalidade e, assim, eles narraram serem os estudos universitários e o trabalho, respectivamente, para estudantes-trabalhadores e trabalhadores-estudantes, as prioridades em suas vidas cotidianas neste momento. A eleição de prioridades faz parte, dentre outras estruturações, da vida cotidiana, sendo um processo mutável a cada período pessoal e socioeconômico e envolvem sentimentos, pensamentos e ações.⁴⁸

Apesar de objetivarem tornarem-se universitários, condição essa considerada como natural, sequencial em suas trajetórias escolares, a escolha profissional pareceu ser aspecto secundário, pois não importava o curso e/ou carreira propriamente, mas sim ter uma graduação. Como destaca Heller,⁴⁹ a vida cotidiana é permeada de escolhas, podendo elas serem indiferentes ou serem movidas pelas nossas motivações. As escolhas, quando realizadas com consciência, com compromisso pessoal mais próximo se tornam ações humano-genéricas. Aqui as escolhas dos jovens universitários mostraram se particularizadas e distantes das esferas da genericidade.

⁴⁷ Tipologias utilizadas a partir da conceituação de Marialice Foracchi (1977), contudo foram os próprios participantes que se auto denominaram a partir de suas prioridades.

⁴⁸ Heller, Ágnes (2008), *O Cotidiano e a história, op. cit.*; Heller, Ágnes (1987), *Teoría de los sentimientos* (F. Cusó, Trad.), Distribuciones Fontamara S. A., México, pp. 313.

⁴⁹ Heller, Ágnes (2008), *O Cotidiano e a história, op. cit.*

A antecipação laboral para os estudantes-trabalhadores reflete a procura por prévias experiências, e assim buscam, via estágios remunerados ou não, modos de preparação/experiências visando garantir as futuras inserções profissionais ao final da graduação. Já para os trabalhadores-estudantes, o trabalho chegou antes da vida universitária, seja por razões econômicas, e/ou por imposições do núcleo familiar.

Os sentidos do trabalho demonstram as motivações particulares de cada sujeito e se relacionam com seus modos de reprodução individual. De acordo com Heller,⁵⁰ quando o trabalho é tomado em sua concepção work, ou seja, produtor de valores de uso, atuar profissionalmente é uma atividade cotidiana que aproxima o indivíduo de sua genericidade. Contudo, no mundo do trabalho contemporâneo atravessado pelas condições capitalistas, esses sentidos são modificados e transformam as relações entre o trabalho e os trabalhadores.

De acordo com Maria Chalfin Coutinho,⁵¹ as organizações, ou o mercado de trabalho propagam discursos de que os trabalhadores sejam autônomos, polivalentes em suas habilidades. Contudo, no capitalismo, por meio de suas ideologias, os novos modelos de trabalho, formais ou informais, buscam controlar as formas de ser e de pensar dos trabalhadores. Diante das narrativas desses jovens, os sentidos do trabalho que acabam expressando essa captura nas ações e pensamentos, condições que condizem mais com um trabalho alheio, estranhado.

No segundo núcleo de significação, *O cotidiano e as histórias estudantis e laborais - quando a gente se dá conta e para pensar assim: o que eu faço no meu dia-a-dia?*, os seguintes temas foram comentados: vida pessoal e familiar, rotinas, vida cotidiana, tempo, tecnologias, lazer e vida financeira dos jovens participantes em seus grupos tipológicos.

No grupo dos estudantes-trabalhadores, a maioria residia com amigos e/ou sozinho, por serem oriundos de outras cidades próximas àquela onde se situa a universidade. Eram mantidos financeiramente pelos familiares, mesmo quando recebiam remunerações nos estágios e ou emprego. Já os três trabalhadores-estudantes, apesar da autonomia financeira prove-

⁵⁰ Heller, Ágnes (1994), *Sociologia de la vida cotidiana*, op. cit.

⁵¹ Coutinho, Maria Chalfin (2006), *Participação no trabalho*, Casa do Psicólogo, São Paulo, pp. 310.

niente de suas remunerações, residiam com seus pais, fazendo pequenas contribuições nos orçamentos familiares.

Em relação à formação superior dos núcleos familiares, as situações foram semelhantes para ambos os grupos. Em sua maioria, pais e irmãos possuíam formação universitária. Para esses jovens universitários, o diploma mantinha o discurso da ascensão profissional, em nome da aquisição da formação educacional de nível superior, reforçando as expressões da empregabilidade, sob responsabilidade dos próprios indivíduos. Inserir-se no mercado de trabalho estaria linearmente correlacionado com a ascensão educacional, discurso dominante no cenário contemporâneo, e sabemos que o avanço educacional não necessariamente prenuncia uma trajetória de sucessos.

Os espaços de lazer também foram investigados nos grupos pesquisados, buscando conhecer como se dá a vida cotidiana fora dos momentos estudo-trabalho, trabalho-estudo. Dentre os estudantes-trabalhadores, esses espaços de tempo livre são preenchidos com práticas, como sair com amigos, fazer atividades esportivas, ter um maior tempo de convivência com os familiares e buscar distrações na internet, tais como filmes/séries. No caso dos trabalhadores-estudantes, o tempo livre é basicamente destinado ao descanso físico, um espaço para se repor energias. As práticas de lazer são achados que seguem na contramão das frequentes alusões que vinculam consumo e juventudes,⁵² pois suas práticas sociais aludem a hábitos simples, que fogem do escopo consumistas.

Quanto à estruturação da vida cotidiana, na maior parte, tanto no grupo dos estudantes-trabalhadores como dos trabalhadores-estudantes o economicismo foi predominante na composição diária das ações e pensamentos desses jovens. Como sinaliza Heller,⁵³ o economicismo é utilizado quando necessitamos alcançar uma finalidade, no entanto, fazemos uso de menor número de recursos possíveis, dispensando poucas energias, além de pouca criatividade e pretendendo dispor do menor tempo possível para sua conclusão.

⁵² Lara, M. (2008), Jovens urbanos e o consumo das grifes, Borelli, Sílvia, Joan Freire Filho (orgs.), *Culturas Juvenis no século XXI*, Editora da PUC-SP, São Paulo, pp. 133-150.

⁵³ Heller, Ágnes (1994), *Sociología de la vida cotidiana*, op. cit.

Fazer uso do *economicismo* em nossas rotinas diárias pode ser uma necessidade, mediante a quantidade de tarefas a serem feitas, contudo, o fato de viver sempre *no piloto automático*, repetindo ações e pensamentos é um caminho breve para que o sujeito viva cristalizado, alienado da possibilidade de buscar novos caminhos de ação e pensamento, de ser conduzido por um sistema sem posicionamento crítico.

A questão temporal também foi um tema recorrente a esses jovens em suas vidas cotidianas. As narrativas aludem com frequência à falta do tempo, ao seu *mal-uso*. Heller sinaliza⁵⁴ a irreversibilidade temporal, destacando que a vida cotidiana concentra-se e é *decida* no momento presente. E com a expansão do capitalismo e o contínuo aumento da divisão temporal e da vida social, quanto mais tarefas temos para fazer maior é a necessidade de conseguir organizar nosso tempo diário.

Quanto ao uso das tecnologias, para ambos os grupos pesquisados isso envolve também as questões temporais, pois seu acesso e uso têm múltiplas funções, sendo dialeticamente um facilitador dentro da vida cotidiana, tanto no trabalho quanto para os estudos, como também um elemento que desorganiza a distribuição temporal, por exemplo, quando *perde-se* muito tempo utilizando a internet, as redes sociais, quando a finalidade era realizar tarefas escolares.

Quando se fala em juventudes, as vinculações históricas e sociais atribuem a essa categoria sinais de saúde, bem-estar, vitalidade e disposição física. Contudo, foram recorrentes comentários e situações que expressaram condições de doença entre os dois grupos participantes. Por não se tratar de um objetivo específico desta investigação, tal ocorrência promove um alerta para novos estudos em caráter mais específico e que possam aprofundar a relação estudo-trabalho quer sejam na Psicologia e/ou demais ciências afins.

As questões de gênero e sexualidades promovem no meio social e, dentre as juventudes, uma série de preconceitos. Quando reproduzimos pensamentos e comportamentos com julgamentos, estamos generalizando de maneira importante nossa práxis e modos de pensar, por meio de juízos provisórios. Esses não *contêm* uma opinião crítica, mas sim o pré-estabelecimento de um comportamento, o preconceito. Assim, o preconceito é

⁵⁴ *Idem*.

um juízo falso, por meio do qual as normas e juízos emitidos são pré-constituídos.⁵⁵

Deste modo, dentro do grupo dos estudantes-trabalhadores, narrativas envolvendo questões de homossexualidade, trouxeram também essa temática a esta investigação, mesmo não sendo um dos seus objetivos, mas, sendo algo entendido como um tema que atravessa o contexto social e, particularmente, as juventudes, dotado de preconceitos. O que se pode observar é que tanto no meio acadêmico, na vivência diária dos jovens na universidade, como no meio laboral, não pertencer a um grupo hegemônico, no caso, ser heterossexual, promove uma série de dificuldades diante de ações estereotipadas.

Considerações finais

Retomando Heller,⁵⁶ em toda sociedade, independente do seu contexto histórico socioeconômico e cultural, existe uma vida cotidiana. Nascemos inseridos assim na cotidianidade e nela produzimos e somos produtores no movimento dialético humano. Se nos encontramos hoje no contexto capitalista, com fortes situações que podem nos levar a ações e comportamentos alienantes, é importante frisar que conduzir nossas vidas cotidianas é uma condição para todos os homens, fato que nos diferencia dos animais, a capacidade de pensamento e ação intencional.

Ao conhecer a vida cotidiana desses dez jovens protagonistas desta história, constatamos que essas vidas são mais conduzidas pelo contexto socioeconômico vigente do que propriamente pelos jovens e, usando a expressão de Heller,⁵⁷ cristalizados, vivenciam seus cotidianos dominados pelo tempo ou pelo discurso da sua falta um dos novos instrumentos do capital para a captura dos sujeitos no século XXI.

Consideramos que pensar a condução da vida, dentro de um contexto capitalista, de modo algum é abolir nossas rotinas, mas ter consciência delas, construindo um mundo individual, em que possamos organizar as

⁵⁵ Heller, Ágnes (2008), *O Cotidiano e a história*, op. cit.

⁵⁶ Heller, Ágnes (1994), *Sociología de la vida cotidiana*, op. cit.; Heller, Ágnes (2008), op. cit.

⁵⁷ Heller, Ágnes (2008), *O Cotidiano e a história*, op. cit.

várias tarefas heterogêneas. É ter domínio de nosso próprio tempo e não ficarmos subjugados a essa relação, como se todos fossem tomados como mercadorias. Palavras e ações imprescindíveis para a condução da vida seriam consciência crítica e organização, como também um grande desafio de revisão e reordenação, quase diário, das nossas posturas, podendo, se não destruí-las, balançar as cristalizações que nos cercam, via mídia, por exemplo, evitando atuar nas reproduções. O que parece simples se torna complexo, quando tanto a vida acadêmica, quanto o mundo do trabalho, são também espaços capilarizados pelas condições neoliberais e os jovens parecem pouco refletir essas ocorrências.

Ter momentos de homogeneização, de sair do piloto automático são possibilidades que também poderão ser contributivas para a condução da vida e, tal como observa Heller,⁵⁸ avançar no caminho de ações humanogênicas, pois nesses momentos fazemos uso dos pensamentos criativos e concentração.

Segundo Heller,⁵⁹ todo indivíduo pode organizar sua vida cotidiana de tal modo que possa imprimir a marca pessoal da sua individualidade em sua própria forma de viver, gerando valores que escapem as formas alienadas.

Bibliografia

- Aguiar, Wanda Maria, Júlio Ribeiro Soares, Virginia Campos Machado (2015), Núcleos de significação: uma proposta histórico-dialética na apreensão das significações, *Cadernos de Pesquisa*, vol. 45, n. 155, São Paulo.
- Aguiar, Wanda Maria, Sergio Ozella (2013), Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação, *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, vol. 94, n. 236, Brasília.
- Batista, Matilde, Laís Rabelo (2013), Imagine que eu sou seu sócia... Aspectos técnicos de um método em clínica da atividade, *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, vol. 16, n. 1, São Paulo.

⁵⁸ Heller, Ágnes (1994), *Sociología de la vida cotidiana*, op. cit.; Heller, Ágnes (2008), *O Cotidiano e a história*, op. cit

⁵⁹ Heller, Ágnes (1982), *La revolución de la vida cotidiana* (G. Muñoz, E. P. Nardal, I. Tapia, Trad.), Ediciones Península, Barcelona, 203 pp.

- Benjamin, Walter (1994), *Pequena história da fotografia*, em *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*, 7ª ed., Brasiliense, São Paulo.
- Borges, Regina Celia (2010), *Jovem-aprendiz: os sentidos do trabalho expressos na primeira experiência profissional*, Dissertação de Mestrado em Psicologia, sc, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Coutinho, Maria Chalfin (2006), *Participação no trabalho*, Casa do Psicólogo, São Paulo.
- Foracchi, Marialice (1977), *O estudante e a transformação da sociedade brasileira*, 2ª ed., Companhia Editora Nacional, São Paulo.
- González, Fernando L. (1998), *O qualitativo y lo cuantitativo en la investigación de la psicología social*, *Psicología & Sociedade, Minas Gerais*, vol. 45.
- González, Fernando L. (2005), *Pesquisa qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios* (M. Silva, Trad.), Cengage Learning, São Paulo.
- Guarinello, Norberto L. (2004), *História científica, história contemporânea, história cotidiana*, *Revista Brasileira de História*, vol. 24, São Paulo.
- Gleny T., Guimarães (2002), *Aspectos da teoria do cotidiano: Ágnes Heller em perspectiva*, EDIPUCRS, Porto Alegre.
- Heller, Ágnes (1982), *La revolución de la vida cotidiana* (G. Munõz, E. P. Nardal, I. Tapia, Trad.), Ediciones Península, Barcelona.
- Heller, Ágnes (1987), *Teoría de los sentimientos* (F. Cusó, Trad.), Distribuciones Fontamara s.a., México.
- Heller, Ágnes (1994), *Sociología de la vida cotidiana* (J. F. Yvars, Trad.), 4ª ed., Ediciones Península, Barcelona.
- Heller, Ágnes (2008), *O Cotidiano e a história*, 8ª ed., Paz e Terra, São Paulo.
- Lara, M. (2008), *Jovens urbanos e o consumo das grifes*, Borelli, Silvia, Joan Freire Filho (orgs.), *Culturas Juvenis no século XXI*, Editora da PUC-SP, São Paulo.
- Martins, José de Souza (2011), *Sociologia da fotografia e da imagem*, 2ª ed., Editora Contexto, São Paulo.
- Marx, Karl (1988), *Processo de trabalho e processo de produzir valores de uso* em Marx, Karl, *Capital*, cap. 1, vol. 5, 2ª ed., Nova Cultural, São Paulo.

- Neiva-Silva, L., Koller, S. H. (2002), *O uso da fotografia na pesquisa em Psicologia*, *Estudos de Psicologia*, vol. 7, Natal.
- Pochmann, Marcio (2007), *A batalha pelo primeiro emprego: a situação e as perspectivas do jovem no mercado de trabalho brasileiro*, 2ª ed., Publisher, São Paulo.
- Sarriera, Jorge, Denise Tatim, Roberta Coelho, Joana Busker (2007), *Uso do tempo livre por adolescentes de classe popular*, *Psicologia: Reflexão e Crítica*, vol. 20, Rio Grande do Sul.
- Soares, Dulce, Aline Costa (2011), *Aposentação: aposentadoria para ação*, Vetor, São Paulo.
- Zago, Nadir (2003), *A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa*, em Zago, Nadir, Marília Pinto De Carvalho, Rita A. Vilela (orgs.), *Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação*, DP&A, Rio de Janeiro.